

A prática educativa de Amílcar Cabral no processo de descolonização: diálogos de Freire em África

Ana Paula Cavalcanti¹, Mônica Costa Marçal de Moraes², Slaine Senra Mattos do Amaral³

Resumo

Este artigo tem como objetivo geral analisar os conteúdos de áudios gravados por Paulo Freire em entrevistas realizadas por ele em Guiné-Bissau, disponíveis na *homepage* do Acervo Educador Paulo Freire, abordando o revolucionário e líder africano, Amílcar Cabral. Para tanto foi utilizada análise de conteúdo e pesquisa qualitativa, descritiva, em consonância com as obras primárias de Freire. No primeiro momento, buscou-se apresentar quem foi Amílcar Cabral e sua importância na libertação da África, com levantamento documental e revisão de trabalhos anteriores. Na segunda parte, mostrou-se como se deu o processo da chegada de Freire à Guiné-Bissau e a sua contribuição no processo formativo de alfabetização do país. Para finalizar as análises dos dados, fez-se uma comparação das obras de Freire em conformidade com os áudios e as relevâncias de Amílcar Cabral na concepção freireana.

Palavras-chave

Paulo Freire. Amílcar Cabral. Prática educativa. Descolonização. Diálogos.

¹ Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil; professora no Centro Universitário Newton Paiva, Minas Gerais, Brasil; líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Paulo Freire (GEPPF). E-mail: anapcletras@outlook.com.

² Especialista em Linguagem, Tecnologia e Ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil; bolsista do Grupo de Estudos e Pesquisas Paulo Freire (GEPPF). E-mail: monica207cmm@gmail.com.

³ Graduanda em Letras no Centro Universitário Newton Paiva, Minas Gerais, Brasil; bolsista do Grupo de Estudos e Pesquisas Paulo Freire (GEPPF). E-mail: slainesenra@gmail.com.

Amílcar Cabral's educational practice in the decolonization process: Freire's dialogues in Africa

Ana Paula Cavalcanti⁴, Mônica Costa Marçal de Moraes⁵, Slaine Senra Mattos do Amaral⁶

Abstract

This article aims at analyzing the content of audios recorded by Paulo Freire during interviews conducted by him in Guinea-Bissau, available at the home page of Acervo Educador Paulo Freire, about the African revolutionary and leader Amílcar Cabral. To this end, we used content analysis and qualitative, descriptive research, in line with Freire's primary works. In the first part, we tried to present who Amílcar Cabral was and his importance in the liberation of Africa, with a documental survey and a review of previous works. The second part showed how Freire arrived in Guinea-Bissau and his contribution to the literacy education process in the country. To conclude the data analysis, a comparison of Freire's works was made in accordance with the audios and the relevance of Amílcar Cabral in the Freirean conception.

Keywords

Paulo Freire. Amílcar Cabral. Educational practice. Decolonization. Dialogues.

⁴ PhD in Applied Linguistics, Federal University of Minas Gerais, Brazil; professor at the Newton Paiva University Center, Minas Gerais, Brazil; leader of the Paulo Freire Study and Research Group (GEPPF). E-mail: anapcletras@outlook.com.

⁵ Specialist in Language, Technology and Teaching by the Federal University of Minas Gerais, Brazil; scholarship from the Paulo Freire Study and Research Group (GEPPF). E-mail: monica207cmm@gmail.com.

⁶ Undergraduate student in Letters, Newton Paiva University Center, Minas Gerais, Brazil; scholarship from the Paulo Freire Study and Research Group (GEPPF). E-mail: slainesenra@gmail.com.

Introdução

O presente trabalho se desenvolveu por meio dos encontros do Grupo de Estudos e Pesquisas Paulo Freire (GEPPF) e baseia-se na relação de aprofundamento da pedagogia libertadora e emancipatória, buscando extrair subsídio para o desenvolvimento articulado e conciso em um trabalho de investigação do Acervo Educador Paulo Freire⁷, disponível digitalmente.

O artigo abordará o conteúdo de áudios disponíveis no Instituto Paulo Freire, na *homepage* do Acervo Educador Paulo Freire, intitulados “Diálogos com Paulo Freire sobre Amílcar Cabral”, buscando analisar os conteúdos e as obras do educador pernambucano e realizar as convergências e divergências entre o filósofo da educação (Freire) e o filósofo da revolução (Cabral).

Na medida em que esse estudo é desenvolvido, constata-se a valorização de Freire e Cabral pelo fator cultural; a cultura valorizada no processo de libertação, que só se dá pelo conhecimento crítico vindo de uma educação libertadora, no nível político-pedagógico: “tendo sua fonte na práxis dos líderes e dos homens da base, todo o projeto revolucionário é fundamentalmente ‘ação cultural’, tornando-se ‘revolução cultural’” (FREIRE, 2016, p. 146).

Amílcar Cabral influenciou Paulo Freire em suas concepções para a educação. A convergência entre eles vem do patamar intelectual de ambos, das ideias e da práxis. Freire não conheceu Amílcar Cabral pessoalmente e demonstrou imenso pesar por isso. Assim, indagamos: que dimensão e atributo Amílcar Cabral possuía que levou Paulo Freire a realizar estas entrevistas?

Em resposta a esse questionamento, além das análises dos conteúdos dos áudios, é proposto uma relação das obras bibliográficas primárias de Freire, enfatizando *Pedagogia da Tolerância* (2016) (parte 2 “Sobre Africanidade”), *Pedagogia da Esperança* (2013), *Cartas à Guiné-Bissau* (1978), *Educação como Prática da Liberdade* (1967), *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire* (1979) e *África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe* (2003), entre outras.

Este texto está estruturado da seguinte maneira: primeiro apresenta-se o material de estudo, quais sejam, os diálogos sobre Amílcar Cabral, gravados na Guiné-Bissau;

⁷ Repositório com obras digitalizadas, previamente autorizadas, disponibilizadas ao público em geral. No Acervo Educador Paulo Freire, deparamo-nos com as obras de autoria de Paulo Freire dispostas em material audiovisual e bibliográfico nas diversas naturezas. Em Produção de Terceiros, há materiais de autores diversos sobre a vida e obra do educador pernambucano. No acervo, podem ser acessados vídeos, áudios, artigos, livros, cartazes, charges, fotografias, ilustrações e objetos tridimensionais, entre outros (Memorial Virtual Paulo Freire, 2021). O Acervo Educador Paulo Freire está disponível em acervo.paulofreire.org/handle/7891/4.

posteriormente, apresenta-se a metodologia e as análises do conteúdo da pesquisa, os áudios e alguns pontos inéditos dos diálogos de Freire sobre Amílcar Cabral, visando à correlação dos áudios com as obras primárias de Freire; na terceira parte, apresenta-se uma discussão sobre o que Paulo Freire utiliza de Amílcar Cabral em sua teoria, estabelecendo o diálogo entre Cabral e as concepções freireanas; na quarta parte, há os resultados, em que há a análise do conteúdo dos áudios sobre Amílcar Cabral; e, por último, nossas considerações finais.

Diálogos em Guiné-Bissau

O trabalho se desenvolveu por meio dos encontros do Grupo de Estudo e Pesquisa Paulo Freire (GEPPF) do Centro Universitário Newton Paiva, e baseia-se na relação de aprofundamento da pedagogia libertadora e emancipatória, buscando extrair subsídio para o desenvolvimento articulado e conciso em um trabalho de investigação do Acervo Educador Paulo Freire.

A investigação partiu da fonte de pesquisa dos áudios disponíveis no Instituto Paulo Freire. Todos os entrevistados são pessoas que conheceram e conviveram com Amílcar Cabral. A série de oito diálogos em áudio extraídos de fitas cassete contém depoimentos de Mário de Andrade, Mário Cabral, Beatriz Cabral e outros sobre Amílcar Cabral mediados por Paulo Freire (Memorial Virtual Paulo Freire, 2021). A maioria desses áudios estão audíveis, apresentando apenas alguns ruídos devido ao tipo de gravação, de forma caseira na década 1970. Geralmente Paulo Freire inicia o áudio informando o nome da cidade e a data, porém nem sempre ele apresenta o entrevistado, e, ao final de cada áudio, Freire agradece ao convidado pela contribuição.

Os depoimentos que eu tive na Guiné-Bissau foram mais ou menos, de 15 ou 16 horas de gravações, todos eles de diferentes figuras, camaradas que lutaram com o fuzil, com uma responsabilidade de comandante, camaradas que eram comissários ou ministros na época da entrevista. (FREIRE, 2016, p. 126).

Contabilizando o tempo total dos nove áudios/ficheiros, há aproximadamente sete horas de gravação. Na seção Resultados, apresentaremos um quadro com resumo informacional e análise de conteúdo. Pretendemos esclarecer as transcrições dos diálogos, uma vez que a riqueza e a proporção de informações contidas nos áudios são de extrema

relevância. Além disso, no decorrer deste artigo, constarão também trechos íntegros de algumas das transcrições referenciadas relacionadas com as obras de Freire.

A maioria dos áudios foi gravada na Guiné-Bissau, entre os anos de 1976 e 1977. Freire normalmente faz uma pergunta padrão aos entrevistados: “Como Amílcar te marca?”; e somente no diálogo 6 são informados os motivos, interesses e o objetivo que Freire tinha ao gravar essas conversas. Assim, observa-se que Paulo Freire anuncia que programava escrever um trabalho “não sobre a biografia de Amílcar Cabral, nem tão pouco escrever sobre a luta da revolução na Guiné-Bissau”, mas seu interesse era de tentar “estudar Amílcar como o pedagogo da revolução” (FREIRE, 1976, Diálogo 6). Tal informação também se comprova na obra *Pedagogia da Tolerância* (2016), em que Freire dizia que tinha o sonho de escrever uma “espécie de biografia” a qual ele já havia pensado até no título *Amílcar Cabral, pedagogo da revolução*, pois, na visão de Paulo Freire, Cabral “encarnou perfeitamente o sonho de libertação do seu povo, e os procedimentos políticos-pedagógicos para a realização desse sonho” (FREIRE, 2016, p. 118).

Além de consultar todo o material sobre Amílcar Cabral existente na Guiné-Bissau, Freire informou que pretendia fazer uma série de entrevistas com “guineenses, africanos, algum europeu ou norte americano que tiveram contato direto com Amílcar Cabral” (FREIRE, 1976, Diálogo 6). Depois de coletar as informações e as entrevistas, Freire pretendia catalogar todo o material e oferecer ao museu da libertação na Guiné-Bissau. (FREIRE, 1976, Diálogo 6).

Metodologia

A motivação para esta escrita parte da fonte de pesquisa de áudios disponíveis no Acervo Educador Paulo Freire, intitulados “Diálogos com Paulo Freire sobre Amílcar Cabral”. Para tanto, foi utilizada pesquisa documental por meio do acervo. De acordo com Bardin (2016), a pesquisa documental representa o conteúdo de um documento sob uma forma diferente da original, facilitando a consulta. Ainda para a autora, o propósito da análise desse tipo de pesquisa é o serviço de documentação. Dito de outro modo, a análise documental passa do bruto para o secundário.

Além da pesquisa documental, nosso trabalho valeu-se da pesquisa bibliográfica por meio das obras primárias de Freire, enfatizando *Pedagogia da Tolerância* (2016), parte 2 “Sobre Africanidade”, *Pedagogia da Esperança* (2013), *Cartas à Guiné-Bissau* (1978) e

África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe (2003), *Educação como prática de liberdade* (1976) e *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire* (1979).

Em *Pedagogia da Tolerância* (2016), na parte 2, intitulada “Sobre Africanidade”, especificamente no capítulo “Amílcar Cabral, o pedagogo da revolução”, Freire entrevistou alguns companheiros de luta de Cabral, demonstrando seus intentos em realizar uma pesquisa sobre ele e demonstrando sua admiração pelo africano. Freire (2016) considerava Cabral um pedagogo revolucionário e lamentava não o ter conhecido em vida. Durante suas investigações sobre o legado de Cabral, Freire (2016) afirmou ter gravado, aproximadamente, dez entrevistas em Guiné-Bissau, entretanto, ressentia-se por ter perdido essas gravações.

Na obra *Pedagogia da Esperança* (2013), Freire retoma a sua principal obra – *Pedagogia do Oprimido* –, buscando repensá-la e revivê-la. Apresenta suas experiências da infância e da adolescência com os filhos dos trabalhadores rurais e urbanos, a submissão ao patrão e a sobrevivência em relação à maldade dos poderosos. Ele também relata sobre o trabalho que desenvolvia no SESI e sua preocupação com o contexto da educação brasileira, com as relações entre escolas e famílias, além da necessidade de buscar diálogos entre elas. Então, ele declara a urgência da democratização da escola pública e da formação permanente de seus educadores. Assim, em *Pedagogia da Esperança* (2013), Freire nos mostra sua convicção sobre a necessidade da esperança e do sonho e da luta pela existência humana.

Em *Educação como prática da liberdade* (1967), escrito durante o exílio, é proposta a educação que liberta os seres humanos e os insere na sociedade como forças transformadoras, críticas, politizadas. Freire (1967) faz um relato sobre o Brasil colonial, as forças da sociedade em transição, sociedade fechada e inexperiência democrática. Além de, pela primeira vez, apresentar dados concretos das fases do método de alfabetização, os círculos de cultura e as imagens das situações existenciais, que foram utilizadas no contexto de conscientização de cultura.

O livro *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*, escrito em 1979, é apresentado em três partes, e expõe a importância do diálogo, do conhecimento no contexto social, um pouco das experiências históricas, a práxis em busca da liberdade, a conscientização da sociedade e a ação cultura/revolução cultura.

A obra *Cartas à Guiné-Bissau* (1978), registros de uma experiência em processo, trata-se de um conjunto de cartas trocadas entre Freire e Mário Cabral em Guiné-Bissau.

Nota-se o diálogo respeitoso implicado nas ações pela reconstrução do país africano. É importante destacar que Freire (1978) descreveu, neste livro, suas principais preocupações em relação ao trabalho que seria desenvolvido neste país, desde os encontros com sua equipe em Genebra ainda. Ele buscava apresentar uma proposta de trabalho que se aproximasse da realidade de Guiné-Bissau. Assim, ele fixava sua preocupação em três áreas do conhecimento: primeiro ele buscava aproximar-se da realidade desse país africano por meio do estudo dos materiais de Amílcar Cabral; além de tentar se afastar das experiências de alfabetização de adultos que ele participou no Brasil, com o intuito de não transplantar as experiências, mas reinventá-las em Bissau; e, por fim, fazer dessa alfabetização de adultos uma ação cultural na construção desse novo país (FREIRE, 1978).

Já a obra *África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe* (2003) foi organizada por Sérgio Guimarães em memória do educador Paulo Freire. O livro aborda um problema que ainda está presente em muitos países africanos: a questão linguística e uma série de outras questões relativas à educação no processo de independência destes países colonizados por Portugal.

Além das obras primárias, foram feitas revisões de trabalhos anteriores que estabelecem a relação entre Freire e Cabral, como: *Paulo Freire e Amílcar Cabral: a descolonização das mentes* (ROMÃO; GADOTTI, 2012); *Porquê Paulo Freire e Amílcar Cabral?* (CORTESÃO, 2011); *A Luta pela descolonização e as experiências de alfabetização na Guiné-Bissau: Amílcar Cabral e Paulo Freire* (PEREIRA; VITTORIA, 2012), entre outros.

Por meio da metodologia descrita, buscou-se, portanto, estabelecer o aprofundamento da pedagogia libertadora e emancipatória de Freire, com as práticas realizadas por Amílcar Cabral em Guiné-Bissau e Cabo Verde no período pré-colonial, assim como procuramos demonstrar os apontamentos de Freire em relação ao revolucionário africano. Por meio das obras mencionadas, pretendemos analisar a ação de Freire durante o processo de educação em uma África ainda colonizada.

Ainda consideramos para a escrita deste artigo a já mencionada investigação dos áudios disponíveis no Instituto Paulo Freire, na *homepage* do Acervo Educador Paulo Freire, intitulados “Diálogos com Paulo Freire sobre Amílcar Cabral”.

Para tanto, empregamos a metodologia “análise de conteúdo” prescrita por Bardin (2016). Para a autora, a análise de conteúdo busca realidades por meio de mensagens, visa o conhecimento de ordem psicológica, sociológica, histórica etc. Assim como a análise do discurso, a análise de conteúdo trabalha com unidades linguísticas superiores à frase e procura

conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça (BARDIN, 2016). Portanto, a análise de conteúdo possibilitou categorização e indexação dos documentos levantados no acervo.

O método para a análise de conteúdo obedeceu às etapas sugeridas por Bardin (2016): organização da análise, codificação e categorização e inferência. Seguindo esses estágios, desenvolvemos um quadro-síntese (vide resultados) com a análise de conteúdo dos oito áudios.

Na primeira etapa, organização da análise, escolhemos os documentos que iríamos analisar, consultando os arquivos multimodais disponíveis no Acervo Digital Paulo Freire. Fizemos a opção por analisar os quase trinta áudios à disposição no acervo. O ineditismo dos ficheiros que continham as entrevistas de Freire com pessoas que conviveram com Amílcar nos incentivou a optarmos por essa fonte para seguirmos a próxima etapa. Na codificação, os dados brutos foram transformados e agregados em unidades. Nesse estágio, optamos pela classificação e agregação, elaborando categorias. Utilizamos-nos da unidade de registro (significação) de ordem semântica para categorizar os áudios em tema, objeto, personagem e documento.

Para o terceiro estágio, a categorização, consideramos a semântica como critério principal. A categorização foi realizada em duas etapas, conforme orientado por Bardin (2016): inventário (isolando elementos) e classificação (organização das mensagens). Nosso sistema de categorização foi do tipo acervo, isto é, definido só no final. Ainda consideramos, para o processo de categorização, as qualidades das boas categorias sugeridas por Bardin (2016): exclusão mútua, enquadramento dos elementos em uma única categoria, homogeneidade, pertinência, objetividade e produtividade.

Por fim, executamos o último estágio, a interpretação controlada, isto é, a inferência (BARDIN, 2016). Realizamos a inferência do tipo específica, buscando responder às nossas questões.

Amílcar Cabral e a formação de luta

Amílcar Cabral, 1924, foi um engenheiro agrônomo formado pelo Instituto Superior de Agronomia (ISA), em Lisboa, que teve a possibilidade de carreira em Portugal, entretanto preferiu regressar ao seu País, engajando-se na luta pela independência. Por isso, propomos que a história de vida de Cabral esteja intrinsecamente relacionada ao momento da ideologia

libertária de Guiné-Bissau, sua terra natal, em congruência com a libertação da África. Sua militância intelectual e sua ação prática na liderança do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), fundado em 1956, o tornaram um símbolo da luta política pela libertação dos países africanos de colônia portuguesa. Assim, Romão e Gadotti (2012, p. 63) reforçam que essa libertação era pensada desde o nome do partido, em que o sentido da palavra africano buscava mostrar que “eles não estavam apenas interessados em proclamar a independência apenas para assimilados e colonos, mas sim para toda Guiné”.

No material em análise, a entrevista do primeiro áudio trata-se do diálogo de Freire entrevistando Mário Pinto de Andrade, um dos fundadores e membros do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). No diálogo, observa-se um pouco da trajetória de Amílcar desde os tempos da universidade, e sua construção política para a “reafricanização”, a politização dos países africanos e sua vivacidade como “*agregador de homens*”.

Conforme destacado nas *Cartas à Guiné-Bissau*, “a ‘re-africanização’ desses intelectuais, sobre que tanto insistiu também Amílcar, estava implícita nesta ‘morte’ e neste ‘renascimento’” (FREIRE, 1978, p. 114), pois Cabral falava que os intelectuais africanos que trabalhavam para a colônia deveriam ser capazes de se suicidar como classe e renascerem como trabalhadores revolucionários que se identifica completamente com as aspirações mais profundas de seu povo. Além disso, sua formação acadêmica, seus contatos e seus amigos universitários, assim como os trabalhos agrários, preencheram as visões táticas de Amílcar, que o fez como um revolucionário. Em um dos trechos transcritos dos áudios, observa-se a experiência que Amílcar adquiriu com trabalho de agrônomo:

MÁRIO DE ANDRADE: estava na Angola porque ele é agrônomo, e é um agrônomo muito requisitado, muito requisitado pelas companhias, políticas do café, da cana de açúcar, e ele então, em meados dos anos de 1950, justamente na altura, em que se têm as pequenas formações políticas, se agregam para formar Angola.
Amílcar está presente nestas circunstâncias de ser agrônomo e de fazer viagem entre Angola, triangular, Guiné, Luanda, passando pelos países africanos, faz do Amílcar, justamente o agregador de homens por excelência e assim considerado um fundador. (Diálogos com Paulo Freire, 2021, áudio 1).

Em outra transcrição, desse mesmo áudio, percebe-se a luta decolonial de Amílcar, pautada na valorização da cultura, salientada no mecanismo central de exploração colonial e neocolonial que consistiu na depreciação e na negação dos processos históricos culturais, na

estagnação das forças produtivas e na assimilação da população tornando-a cultivadora dos valores do invasor:

MÁRIO DE ANDRADE: extremamente interessante aquele movimento que nós fizemos de desassimilação para se reafrikanizar, foi um sucesso. Sem dúvida a prática a nossa prática, a nossa prática individual, existencial, mostrou que nós tínhamos compreendido perfeitamente o mecanismo o mecanismo da assimilação, aquilo que eu chamo de geração de Cabral e que nós integramos em um processo geral africano, que se fez todo o nosso processo, o processo individual, mas social também, foi importante, mas um ou outro movimento também que nós não tínhamos feito era de reafrikanizar o marxismo.

FREIRE: exato! (Diálogos com Paulo Freire, 2021, áudio 1).

Esta luta decolonial de Amílcar, que ressaltava a valorização da cultura africana, tinha como base política a descolonização das mentes (ROMÃO; GADOTTI, 2012) e a busca da reconstrução nacional. Conforme Romão e Gadotti (2012, p. 56), “tinham por base de suas políticas o princípio da autodeterminação, uma filosofia política baseada no resgate da autoconfiança (self-reliance) e na valorização da sua cultura e da sua história”. Além disso, havia a assimilação, uma estratégia política comum a França e a Portugal, que proporcionava uma formação intelectual a um grupo de elite, que seria privilegiado e europeizado, com a intenção de contribuir com os colonizadores e, a partir daí, destruir com a tradição cultural local.

Uma das estratégias utilizadas por Amílcar na construção de uma África livre foi a valorização da cultura, para então assumirem um projeto de revolução cultural. Segundo Freire (1979, p. 45), a revolução tem “na práxis dos líderes e dos homens da base, todo projeto revolucionário é fundamentalmente ‘ação cultural’ e se converte em ‘revolução cultural’”. Freire (1979, p. 46) diz ainda:

O projeto revolucionário conduz a uma luta contra as estruturas opressoras e desumanizantes. Na medida em que este projeto procura afirmar os homens concretos para que se libertem, toda concessão irrefletida aos métodos do opressor representa uma ameaça e um perigo para o mesmo projeto revolucionário. Os revolucionários devem exigir de si uma coerência muito forte.

Uma revolução não se faz reacionária, mas por meio eficazes e mais adaptados para ajudar as pessoas a superarem os níveis da consciência semi-intransitiva, ou transitivo-ingênua, ao nível da consciência crítica (FREIRE, 1979). Assim, “Paulo Freire e Amílcar Cabral tiveram a lucidez, cada um a seu modo, de insistir na importância da libertação das

mentes como integralização do processo de emancipação” (ROMÃO; GADOTTI, 2012, p. 41).

Segundo Romão (2012, p. 32) “há duas fortes convergências entre Cabral e Freire: a precedência da prática sobre a teoria; a importância da leitura da realidade cotidiana, como forma de apreensão do conhecimento válido e legítimo”. Em *Educação como prática da liberdade*, Freire parte da compreensão crítica da realidade para a transformação do conhecimento e a transformação do homem no mundo para mudar sua realidade: “O homem, afinal, no mundo e com o mundo. O seu papel de sujeito e não de mero e permanente objeto.” (FREIRE, 1967, p. 108). Toda realidade pode se transformar pela compreensão dela mesma, entretanto essa compreensão parte da luta pela mudança. Cabral lutou pela transformação da África e acreditava que “somente, na nossa luta tivemos que respeitar porque partimos da nossa realidade” (CABRAL, 2014, p. 24).

Nesta concepção, observa-se que uma das leituras de Cabral, sobre a realidade de Guiné-Bissau e Cabo Verde, foi a formação escolar para construção do conhecimento partindo dos próprios guineenses e caboverdianos. Partindo para a conscientização dos indivíduos que passavam a atuar no mundo rompendo-se com os valores da dominação. Nascia então a construção de um novo país, propondo uma ação cultural revolucionada. “Na medida em que a interiorização dos valores dominadores não seja somente um fenômeno individual, mas também um fenômeno social e cultural, a repulsa destes valores deve ser levada a cabo por um tipo de ação cultural na qual a cultura negue a cultura” (FREIRE, 1979, p. 45). Um dos aspectos de convergência entre Freire e Cabral, está na práxis a partir do profundo respeito e no desenvolvimento crítico do indivíduo, na valorização dos saberes daqueles com que se trabalha (CORTESÃO, 2011).

Ademais, de sua ação pedagógica, Cabral faz uma abordagem de grande relevância na sua práxis, que mobilizou os trabalhos do PAIGC na construção de uma educação para os militantes e para a população guineense, na intenção de acabar com o analfabetismo, criando estratégias educacionais, de valorização cultural, de difusão da educação/escolarização para o território nacional em um país que não possuía academia. Assim, Freire (1978, p. 18) traz em *Cartas à Guiné-Bissau*:

em 10 anos o PAIGC formou muito mais quadros que o colonialismo em 5 séculos”. “Em 10 anos, de 1963 a 1973, foram formados os seguintes quadros do PAIGC: 36 com o curso superior, 46 com o curso técnico médio, 241 com cursos profissionais e de especialização e 174 quadros políticos e sindicais.

Desta maneira, pode-se afirmar que a participação de Freire nos processos de descolonização em África transformaram seu trabalho. Assim essa radicalização do pensamento de Freire (ROMÃO; GADOTTI, 2012) fez com que sua pedagogia no processo de alfabetização de adultos, que antes era mais politizadora, passasse a ser mais associativa com o produtivo, aliando o intelectual com o manual: “após a experiência africana e de seu retorno ao Brasil, em 1980, ele sublinhou também a importância do associativo e do produtivo no processo de alfabetização de adultos” (ROMÃO; GADOTTI, 2012, p. 58).

As discussões apresentadas até aqui servirão de base para as análises dos áudios sobre Amílcar Cabral selecionados a partir do Acervo Educador Paulo Freire. Na próxima seção, exporemos os resultados da análise de conteúdo dos áudios, trazendo trechos das conversas com cada um dos personagens que foram entrevistados por Freire.

Resultado: o que diz Paulo Freire sobre Amílcar Cabral e sua práxis

A partir da análise de conteúdo descrita na metodologia deste artigo, elaboramos o Quadro 1. Na primeira coluna, nomeamos os áudios analisados, informando os personagens envolvidos e a data da entrevista. Em seguida, apresentamos uma breve descrição das entrevistas, ressaltando os temas de maior relevância. Na última coluna, destacamos as inferências ou interpretação controlada que emergiram a partir de nossas perguntas.

Quadro 1 – Análise de conteúdo dos áudios sobre Amílcar Cabral

Material analisado	Descrição	Validade da inferência
Diálogo 1 (duração 50 min.) Mário de Andrade em uma conversa sobre Amílcar Cabral (10 de junho de 1976)	Freire entrevista Mário Pinto de Andrade, uma conversa leve que aborda questões sobre Cabral, desde sua estadia em Portugal até o início do movimento para a luta de libertação da África. Além de falar sobre a prática de Amílcar Cabral na construção do processo de libertação.	Amílcar Cabral, um agregador e formador de homens.

<p>Diálogo 2 (duração 55 min.) Freire conversa com Mário Cabral, Fernando Delfin da Silva e Beatriz Cabral sobre Amílcar Cabral. (16 de junho de 1976/1977)</p>	<p>O diálogo está relacionado ao convívio dos entrevistados com Amílcar Cabral e a sua prática revolucionária de libertação.</p>	<p>Amílcar Cabral, um pedagogo.</p>
<p>Diálogo 3 (duração 40 min.) Camarada Domingos Brito – Secretário da Secretaria de Educação Nacional fala sobre Amílcar Cabral. (21 de junho de 1977)</p>	<p>O entrevistado fala da relação de grande amizade que tinha com Cabral, além de falar sobre a construção político-pedagógica e a prática no processo de libertação, e sobre a humanidade de Amílcar Cabral.</p>	<p>Cabral promoveu a libertação para todos os povos oprimidos</p>
<p>Diálogo 4 - parte 1 (duração 1h2min.) Diálogo 4 - parte 2 (duração 15min.) Camarada Carmem Pereira fala sobre Amílcar Cabral (21 de junho de 1977)</p>	<p>Parte 1 – A entrevistada foi a primeira mulher enviada por Amílcar para formação acadêmica na União Soviética. Em Guiné-Bissau, assumiu um importante posto de liderança militante na construção do primeiro hospital no sul do país. Trata sobre a prática concreta de formação pedagógica que Cabral utilizava para a formação de um novo país. Além de discorrer sobre como ocorria a alfabetização e a organização das unidades de luta. Parte 2 - A profunda admiração de Freire por Cabral. O interesse em escrever um livro sobre Amílcar Cabral.</p>	<p>Valorização feminina no processo de libertação.</p>
<p>Diálogo 5 (duração 40 min.) Camarada Francisco Mendes, Comissário Principal de Guiné-Bissau (23 de junho de 1977)</p>	<p>O entrevistado relata a consciência que Cabral tinha sobre o processo colonial e a humanização como “construtor do homem”. Além de tratar sobre prática intelectual, cultural, pedagógica e de luta utilizada por Amílcar Cabral.</p>	<p>Defesa da cultura do povo e desenvolvimento da consciência crítica.</p>

<p>Diálogo 6 (duração 54 min.) Paulo Freire entrevista Alda Neves (Sem data)</p>	<p>Paulo Freire explica sobre sua pesquisa, seu interesse nas entrevistas e em escrever sobre Amílcar Cabral, conforme suas palavras, e tenta “estudar Amílcar como o pedagogo da revolução”.</p> <p>A entrevista é com Alda, que relata a história de Cabral desde os tempos de Lisboa, em que ele escrevia poesias voltadas para o tema da libertação. Além de dialogarem sobre a visão profética de Amílcar Cabral e sua prática no processo de libertação.</p>	<p>Pensamento político-pedagógico através da poesia.</p>
<p>Diálogo 7 (duração 40 min.) Jorge Ampa – diretor do Centro de Capacitação e Recuperação de Professores Máximo Gorki, fala sobre Amílcar Cabral (24 de junho de 1977)</p>	<p>O entrevistado fala do Amílcar homem e do Amílcar dirigente, em relação às suas experiências humanitárias e sua prática pedagógica e de guerrilha.</p>	<p>Aspecto humanitário na luta pela libertação.</p>
<p>Diálogo 8 (duração 1h4min.) Camarada Júlio de Carvalho, Comissário Político das Forças Armadas Revolucionárias do Povo, fala sobre Amílcar Cabral (24 de junho de 1977)</p>	<p>Trata sobre o início da prática de luta armada, as estratégias de luta e as formações político-pedagógicas dos membros do partido.</p>	<p>Formação político-pedagógica da guerrilha armada.</p>

Fonte: As autoras (2021).

A partir do Quadro 1, nota-se que o objeto principal é Amílcar Cabral, posto que Freire iniciava naqueles anos, em Guiné-Bissau, uma investigação acerca do revolucionário africano. Nos oito áudios, há a presença de diversos personagens que, de alguma forma, tiveram contato com Cabral, como: Mário de Andrade, Mário Cabral, Alda Neves, Cármem Pereira, Júlio de Carvalho, Jorge Ampa etc. Nas inferências, buscamos enfatizar, semanticamente, quem foi Amílcar Cabral, o seu papel para a independência de seu país, a influência do seu pensamento em Freire, a luta pela libertação e a defesa por uma formação

político-pedagógica com enfoque na criticização das consciências. Portanto, a seguir, contextualizaremos os áudios, enfatizaremos os personagens e relacionaremos o pensamento de Freire ao de Cabral.

A título de contextualização, é importante enfatizar que, nos anos de 1970, Paulo Freire visitou vários países da África e, junto ao Instituto de Ação Cultural e o Departamento de Educação do Conselho Mundial de Igrejas (IDAC), aceitou o convite do governo de Guiné-Bissau para aplicar no país recém-libertado, a alfabetização de adultos. Na época, Freire residia em Genebra e, em 1975, iniciou o envio de cartas formais ao Comissariado do Estado para Educação e Cultura, o engenheiro Mário Cabral, viabilizando os meios para iniciarem as diretrizes no processo de alfabetização. Na primeira carta, Freire (1978) manifesta suas intenções em convergência à práxis já iniciada por Amílcar Cabral, e diz:

A alfabetização de adultos, como a entendemos, se faz uma dimensão da ação cultural libertadora, não podendo ser, por isso mesmo, sequer pensada isoladamente, mas sempre em relação com outros aspectos da ação cultural, tomada em sua globalidade. Discuti-la significa discutir também a política econômica, social e cultural do País. (FREIRE, 1978, p. 85).

No ano de 1974, Freire viajou para Guiné-Bissau, atendendo ao convite do então Ministro da Educação, Mário Cabral, para o qual são endereçadas as mensagens descritas na obra *Cartas à Guiné-Bissau* (1978). Os trabalhos desenvolvidos em Bissau, a alfabetização de jovens e adultos, o levaram a dois momentos: o primeiro, ao encontro com Amílcar Cabral, que teve sua premissa revolucionária baseada na educação; e o segundo, o da alfabetização na língua do colonizador:

aprofundando o que já sabíamos em torno da luta pela libertação, das experiências realizadas pelo PAIGC nas antigas zonas libertadas, através da leitura de todo o material que pudéssemos recolher, privilegiando a obra de Amílcar Cabral. Estudos que, realizados em Genebra, seriam completados no terreno, quando de nossa primeira visita ao país, e continuados nas subseqüentes visitas, no caso em que se definisse a nossa colaboração em termos mais ou menos prolongados, subseqüentes visitas em que, sobretudo, pensaríamos, com os educadores nacionais, a sua própria prática, em seminários de verdadeira avaliação. (FREIRE, 1978, p. 11)

No catálogo do Acervo Educador Paulo Freire, série “Diálogos com Paulo Freire sobre Amílcar Cabral”, estão disponibilizados oito áudios gravados por Freire, sugerindo que, provavelmente, alguns desses cassetes perdidos na mudança de Genebra foram recuperados, ou que, nem todos os cassetes gravados pelo educador foram perdidos (FREIRE, 2016). É

importante salientar que este dado nos leva a supor que algumas das pessoas entrevistadas, citadas nos áudios do acervo, são referenciadas nas obras de Freire (2013 e 2016), como a entrevista do diálogo oito que aborda a entrevista com o camarada Júlio de Carvalho, comissário político das Forças Armadas Revolucionárias do Povo.

Antes de estabelecerem os trabalhos em Guiné-Bissau, Freire (2016) relata que não conheceu Amílcar Cabral, entretanto dedicou-se à leitura de alguns textos escritos pelo revolucionário africano. O educador brasileiro diz ainda:

conversei com gente que havia lutado ao lado de Amílcar, com gente cabo-verdiana e com gente guineense. E a gente foi vendo então, comprovando uma enorme coerência, através dos depoimentos, entre o que a gente lia nos textos de Amílcar e o que se dizia a nós nos depoimentos. (FREIRE, 2016, p. 117).

A influência do pensamento de Amílcar Cabral nos textos de Freire é notável, sobretudo no tocante ao conceito de revolução cultural. Romão (2019) argumenta que a convergência do pensamento de Cabral e Freire é percebido até para aqueles que iniciam os estudos freireanos. Ambos reivindicam a libertação dos oprimidos ou colonizados e acreditam na educação como uma das vias para superar a opressão ou colonização. Nas palavras de Romão (2019, não paginado):

Uma das convergências mais profundas entre o legado do líder da independência dos dois países africanos e a obra do educador pernambucano diz respeito a seus conceitos sobre revolução, não apenas no sentido da luta armada contra o colonizador para a afirmação de uma nacionalidade autônoma e soberana, mas também pela ideia de que nenhum povo, mesmo no período pós-colonial, consegue se livrar de seu colonizador, enquanto não se liberta também de seus referenciais teóricos, de suas premissas, de seus fundamentos e de seus paradigmas, enfim, de sua “Razão”.

Portanto, para Cabral e Freire é necessária uma transformação radical nas estruturas econômicas, políticas e sociais de modo que a revolução esteja presente na elaboração e produção do conhecimento científico (ROMÃO, 2019). Romão (2019) ainda destaca a morte precoce do revolucionário Amílcar que não pode testemunhar a libertação de seu povo, ao passo que o educador brasileiro não conheceu, por pouco, Cabral. Freire desabafou, no primeiro diálogo sobre Amílcar seu descontentamento em nunca ter conhecido pessoalmente o revolucionário africano, apesar de serem contemporâneos: “Porque imagina tu Mário que eu não conheci Amílcar pessoalmente. É incrível a sensação de um vazio que eu tenho

permanentemente, cujo conteúdo que deveria preencher esse vazio eu não conheci fisicamente antes, e ele existe para mim” (Diálogos, 2021, áudio 1).

Este trecho do áudio revela a angústia de Freire em nunca conhecer pessoalmente alguém que influenciou tanto o seu pensamento e que possuía posicionamentos tão alinhados com os seus. Esta angústia ou descontentamento levou Freire a buscar formas de maior aproximação daquele que tanto influenciou seu pensamento e obras, e, como forma de melhor conhecer vida e ideias de Cabral, Freire resolveu gravar entrevistas com pessoas que conviveram com o revolucionário.

Ainda sobre o primeiro diálogo, este se refere a uma entrevista conduzida por Freire, cujo entrevistado é Mário de Andrade. Trata-se de uma conversa leve que abordou questões relativas a Amílcar Cabral, desde sua estadia em Portugal até o início do movimento para a luta de libertação da África. A prática educativa do revolucionário africano na construção do processo de libertação também foi foco da entrevista. Destacamos uma interessante consideração que Freire faz sobre Cabral:

PAULO FREIRE: Uma coisa que eu observo muito nos textos dele é, quando ele se revela um grande pedagogo da revolução como, por exemplo, quando ele analisa o que ele chamava de debilidades da cultura e é fantástico, porque, combatendo as debilidades da cultura com o povo, ele revelava, contudo, um profundo respeito do povo com as debilidades, porque ele estava convencido de que não se podiam superar as debilidades por decreto, nem por imposição, mas com a transformação da prática social que constituía a própria debilidade. E como isso não é mecânico. Ele tinha uma visão dialética fantástica. Ele sabia que era importante o trabalho de esclarecimento em torno das debilidades, para superação da própria debilidade, para uma nova prática social. E nessa luta contra as debilidades, ele sempre insistia na constituição de uma cultura científica, mas nunca foi um cientificista. (Diálogos com Paulo Freire, 2021, áudio 1).

O segundo diálogo, possivelmente gravado no ano de 1976, contém a conversa de Freire com Mário Cabral, Fernando Delfin da Silva e Beatriz Cabral sobre Amílcar Cabral. O diálogo está relacionado ao convívio dos entrevistados com o agrônomo e a sua prática revolucionária de libertação. Destacamos a seguir o trecho em que Mário Cabral fala do fascínio provocado por Amílcar:

MÁRIO CABRAL: Eu acho que é difícil descrever o reencontro, quando nós imaginamos alguém e o reencontramos, caberá duas situações, ou ficamos fascinados, ou então ficamos totalmente [...] absorvidos pela pessoa, porque estivemos longe, mas pensando nela, vendo as suas lições [...] Cabral é, de fato, um educador, um pedagogo.

PAULO FREIRE: É essa convicção que eu tenho. (Diálogos com Paulo Freire, 2021, áudio 1)

Domingos Brito é o entrevistado do terceiro diálogo. Brito atuava na Secretaria de Educação Nacional e conversou sobre a relação de grande amizade que tinha com Cabral. Domingos ainda falou sobre a construção político-pedagógica, a prática no processo de libertação, e sobre a humanidade de Amílcar Cabral:

PAULO FREIRE: Então tu sentias a preocupação dele na formação dos quadros?

DOMINGOS BRITO: Retirou um certo camarada e o enviou para o exterior. O responsável dele o mandou para o exterior para que se formasse, outros foram formados ali em Conacri por ele politicamente. Outros, no entanto, foram para a vida do professorado, embora como primeira classe, segunda classe dirigentes novos do partido nesta altura. Ele retirava aquilo e fazíamos ver o porquê, mas ele, quando dizia, lançava essas coisas, democraticamente, quando via a resistência por parte de um camarada, quando via dois, três, quatro, ou cinco camaradas contra o pensamento dele. (Diálogos com Paulo Freire, 2021, áudio 3)

Carmem Pereira protagoniza o quarto diálogo. Na conversa, Carmem revela que foi a primeira mulher enviada por Amílcar Cabral para formação acadêmica na União Soviética. Em Guiné-Bissau, assumiu um importante posto de liderança militante na construção do primeiro hospital no sul do país. A entrevista ainda aborda a prática concreta de formação pedagógica que Cabral utilizava para a formação de um novo país. Além de discorrer sobre como ocorriam a alfabetização e a organização das unidades de luta. Alguns trechos da entrevista são essenciais:

CARMEM PEREIRA: Tínhamos dificuldade de línguas, de tradução. Era o primeiro grupo que recebiam, e tínhamos um intérprete brasileiro, falava brasileiro. Mas nem com isso, conseguimos de fato nos adaptarmos e trouxemos livros em português que era para nós continuarmos a estudar. E nessa altura quando eu cheguei, ele queria que eu ficasse em Conacri.

PAULO FREIRE (PF): A tua tarefa era coordenar politicamente essa moçada?

CARMEM PEREIRA: Sim, esse grupo. Era responsável por estas raparigas. Entrei assim, eu tinha a camarada Titina, também tinha a Zazá, a mulher de Antero. A Titina e Zazá tinham um pouco de habilitação, mas as outras dezessete não tinham nada, eram analfabetas. Com o curso que tínhamos a fazer, o professor falava em russo, o intérprete em espanhol, escrevia em português e só tinha quarta classe, só segundo grau. Escrevia em português e depois traduzia em crioulo pra elas, as aulas eram seis horas de aulas, depois

das aulas íamos almoçar e enquanto estavam a almoçar eu preparava as lições do dia seguinte...

CARMEM PEREIRA: [...] no partido há grupos que vão estudar mas há grupos que devem ficar na frente para combater e estes grupos e que vão ser os melhores responsáveis políticos. No partido não esperamos camaradas intelectuais, contamos com os intelectuais e contamos com também com os políticos. O que vocês devem fazer é estudar, estudar para adquirir mais experiência porque a minha esperança está em ti, em Titina e em Francisca. (Diálogos com Paulo Freire, 2021, áudio 4).

Na conversa com Carmem, Freire enaltece Amílcar Cabral, afirmando que, em sua permanência em Cabo Verde e Guiné-Bissau, percebeu que o agrônomo é uma presença viva no meio do povo e comparou Cabral a um sonho possível. Revisitando a experiência vivida em Guiné-Bissau, Freire (2016) lembra a conversa que teve com Carmem e discorre algumas impressões sobre o revolucionário:

Vocês vejam, isso tem que ver com essa dimensão profética de Cabral, e com uma consciência muito lúcida, muito clara que ele tinha, da relação inquebrantável da prática e teoria, que ele jamais dicotomizou, só que nunca fez um discurso, verbalmente teórico, que dificultasse a compreensão do seu conteúdo por parte de seus camaradas de guerra, de luta. (FREIRE, 2016. p. 129).

No quinto diálogo, o entrevistado Francisco Mendes, Comissário Principal da Guiné-Bissau, relata a consciência que Cabral tinha sobre o processo colonial e a humanização como “construtor do homem”. Além de tratar sobre prática intelectual, cultural, pedagógica e de luta utilizada por Amílcar Cabral:

FRANCISCO MENDES: Amílcar sempre tentou ligar a teoria como prática, ligou a teórica com a prática, pois foi ele que sempre disse que a teoria não tem nenhum valor se não for aplicada na prática. Através da prática que se pode ver se a teoria é certa ou se é errada.

PAULO FREIRE: A prática ensinaria! (Diálogos com Paulo Freire, 2021, áudio 7)

No sexto diálogo, a entrevista é com Alda, que relata a história de Cabral desde os tempos de Lisboa, em que ele escrevia poesias voltadas para o tema da libertação. Além de dialogarem sobre a visão profética de Amílcar Cabral e sua prática no processo de libertação. Neste diálogo, Alda assevera que Cabral não seria um mito, mas uma realidade, uma presença. Freire conclui da conversa que teve com Alda:

PAULO FREIRE: Então isso é a coisa que mais te marca é essa visão humana e, além disso, os textos deixados por ele, a visão, aquela inteligência profunda, aquele poder de análise, e seus contatos, todas essas reuniões que ele tinha com os camaradas a simplicidade com que ele apresentava todo esse mundo, aquele trabalho extraordinário da resistência cultural de fato. Amílcar era um indivíduo extraordinário. O Amílcar era um líder, era um grande pensador, era um formador. (Diálogos com Paulo Freire, 2021, áudio 6).

Sobre a interlocutora presente nesta entrevista, a Alda Neves da Graça do Espírito Santo, é oportuno apresentar algumas considerações. De acordo com Lodi (2019), Alda foi uma escritora e poetisa nascida em São Tomé e Príncipe onde exerceu funções importantes como a de ministra da Educação e Cultura. Conforme o ator, a poetisa é citada por Freire no livro *Por uma pedagogia da pergunta* para fazer referências a um projeto desenvolvido pela então ministra Alda Neves, cuja proposta era a criação de uma coleção de literatura popular que exaltasse e que recuperasse a memória de mitos da cultura. Para Freire (*apud* LODI, 2019), essa iniciativa valorizaria esses materiais, organizando-os com respeito à sintaxe popular.

No sétimo diálogo, José Ampar é o convidado de Freire para falar do Amílcar homem e do Amílcar dirigente, em relação às suas experiências humanitárias e sua prática pedagógica e de luta:

JORGE AMPAR: Talvez a última qualidade de Amílcar que era de dirigente, eu fui reconhecendo essa capacidade de longe, porque eu era estudante ainda aqui em Bissau. Naqueles momentos, naquela clandestinidade e tudo, naquele pouco tempo em que nós fizemos amigos com alguns camaradas etc. (...) Alguns camaradas que foram, portanto, habituando-se ganharam uma habituação de trabalhar horas e horas, e muita gente dizia que Cabral era o último, portanto, a deixar o trabalho e o primeiro a levantar ao visitar aquelas crianças, da Escola Piloto e tudo mais. (Diálogos com Paulo Freire, 2021, áudio 6).

Em *Cartas à Guiné-Bissau*, Freire (1978) rememora a conversa que teve com Ampar e apresenta no livro um trecho da conversa:

Temos feito o possível, diz seu Diretor, Jorge Ampa, para de fato cumprir o objetivo de nossa Escola, que é ligá-la à vida da população. Temos um posto sanitário, com uma equipe de três estagiários, com preparação de socorristas. As consultas são diárias, somando, às vezes, mais de cem por mês. No período de abril a julho, continua Ampa, foram assistidos 294 doentes. (FREIRE, 1978, p. 51).

O oitavo diálogo é retomado por Freire (2016) em uma palestra proferida na Universidade de Brasília, em 1985, transcrita em *Pedagogia da Tolerância*. Freire relata (2016, p. 119) que fez excelentes entrevistas em Guiné-Bissau e traz em sua memória o relato do comissário das Forças Armadas em Bissau, “Julinho Carvalho”.

eu conversei tanto com esse homem, um homem extraordinário, um grande estrategista militar, e tive com ele uma entrevista assim fantástica, ele gravou perto de duas horas, falando da visão política, da visão militar e da visão que a gente poderia chamar, aqui, sem nenhum receio, humanista, de Amílcar Cabral. (FREIRE, 2016, p. 119).

Em outro trecho da obra, Freire (2016) relembra um fato lamentável a respeito das gravações: “se perderam todos estes cassetes na nossa mudança de Genebra para o Brasil, eu me lembro que tive entrevistas excelentes, uma delas foi com o cabo-verdiano que está hoje em Cabo Verde, ele era o comissário das Forças Armadas em Bissau, antes ruptura, Julinho Carvalho” (FREIRE, 2016, p. 119). Revela ainda que “gravou perto de duas horas” (FREIRE, 2016, p. 119) de conversa com Júlio, entretanto, analisando os áudios disponibilizados no acervo, identificamos um total de uma hora e quatro minutos de entrevista:

E exatamente enquadrando nesta visão extraordinária que ele procurou conhecer como os dedos da sua mão, a nossa terra. Como agrônomo, como diretor dos serviços de agricultura, portanto, que exercia, ele dedicou grande parte do seu tempo a conhecer a terra e o povo. Então ele conhecia a terra e o povo. (Diálogos com Paulo Freire, 2021, áudio 8).

No diálogo oito, nota-se que o entrevistado faz referências ao conhecimento geográfico de Amílcar Cabral que era agrônomo por profissão. Carvalho afirma o conhecimento que o revolucionário tinha da terra e do povo. Este aspecto também é revelado no livro *Alguns princípios do partido* de Amílcar Cabral, ao abordar a realidade geográfica de Cabo Verde e Guiné-Bissau. Cabral (1974) reflete sobre as diferenças geográficas dos dois países, sendo Cabo Verde um país montanhoso com 10 ilhas e Bissau, pelo contrário, não possui montanhas ou elevações. Tais diferenças levam Cabral a supor maior facilidade da atuação de uma guerrilha nas regiões montanhosas, o que não exclui um embate estratégico em Bissau. Ademais, ele relaciona questões de ordem econômica que sofrem prejuízos dada a característica geográficas, como no caso de Cabo Verde formado por diversas ilhas vulcânicas montanhosas.

Os dados desta seção revelam a inegável importância que Amílcar Cabral teve para o processo de descolonização de dois países africanos, como também para a libertação do
Rev. Ed. Popular, Uberlândia, Edição Especial, p. 308-331, set. 2021.

imperialismo praticado em África. Cabral compreendia a importância dos diversos povos africanos unirem-se, ao que ele denominou “unidade” para superar um mesmo inimigo: os colonizadores. Além da unidade, defendia a luta, a capacidade desses povos (unidos) exercerem força contra aqueles que tentavam extirpar sua terra, sua língua, sua cultura, seus valores: os portugueses.

Considerações finais

Este trabalho teve por objetivo destacar a importância dos áudios gravados durante as entrevistas de Paulo Freire, quanto ao seu desejo em conhecer mais sobre as práticas do revolucionário Amílcar Cabral no período de descolonização da Guiné-Bissau e de Cabo Verde.

Freire foi além das leituras dos textos deixados por Amílcar. Foi encontrá-lo no povo, nos revolucionários que lutaram com Cabral. Encontrar Cabral nos homens e nas mulheres que se formaram e se construíram como seres independentes e seguros, por meio das ações e das práticas propostas pelo Pedagogo da Revolução.

Em Cabral eu aprendi uma porção de coisas, digo em Cabral significando também com Cabral, que aprendi um bando de coisas, eu confirmei outras coisas de que eu suspeitava, mas eu aprendi, por exemplo, uma coisa que é a necessidade que têm o educador progressista e o educador revolucionário. (FREIRE, 2016 p. 129).

A análise dos áudios ressalta a admiração e valorização que Freire tinha por Cabral, quando observada questões como: “uma, duas ou três qualidades do camarada Amílcar, que mais te marcaram, que mais te marcam ainda hoje? Como responderia?” (Diálogos com Paulo Freire, 2021, áudio 7). Os áudios revelam a prática pedagógica de Amílcar Cabral na formação política do PAIGC e de seus compatriotas para o processo de descolonização. É importante destacar, o fator humanista do revolucionário e sua preocupação com a formação pedagógica de seus militantes, assim como a valorização feminina no processo de libertação e valorização cultural na construção de uma pedagogia libertadora.

O patrono da educação brasileira buscou, também, com as entrevistas, refletir sobre as questões inerentes à realidade de luta na formação do caráter revolucionário. Talvez encontrou ali as perspectivas já analisadas no livro *Pedagogia do Oprimido*:

Se os líderes revolucionários de todos os tempos afirmam a necessidade do convencimento das massas oprimidas para que aceitem a luta pela libertação – o que de resto é óbvio –, reconhecem implicitamente o sentido pedagógico desta luta. Muitos, porém, talvez por preconceitos naturais e explicáveis contra a pedagogia, terminam usando, na sua ação, métodos que são empregados na “educação” que serve ao opressor. Negam a ação pedagógica no processo de libertação, mas usam a propagando para convencer. (FREIRE, 2018, p. 75).

Paulo Freire reconhecia a importância da luta pela libertação de Guiné-Bissau, o que o levou a refletir sobre o trabalho de Amílcar Cabral como revolucionário à frente da luta armada contra Portugal e principalmente sobre a preocupação que Cabral teve relativa à constituição de uma nação independente econômica e culturalmente. Assim, Freire buscava, com seu trabalho educacional, além de alfabetizar, fazer da educação instrumento de diálogo entre os trabalhadores que estavam a serviço da reconstrução do país. Dessa forma:

Este contato permanente com as classes trabalhadoras fez de Cabral e Freire homens extremamente pragmáticos. Embora Freire seja, às vezes, considerado idealista, ele fez escolhas e construiu percursos fundados nas práticas e voltados para as práticas. (PEREIRA; VITTORIA, 2012, p. 307).

Como militante político, Freire acreditava na reorganização política com a participação e emancipação de todos em consonância com os pensamentos de Cabral. Isto fez com o processo de alfabetização fosse personalizado ao contexto de Guiné-Bissau no período pós-colonial, respeitando-se o contexto sociocultural do país. Portanto, Freire e a equipe do Idac, trabalharam em conjunto com os guineenses, promovendo seminários aos alfabetizadores, ensinando-lhes não apenas técnicas e métodos para alfabetizar, como também promovendo momentos de reflexões sobre a educação política em prol de um ensino mais inclusivo e que se adequasse ao contexto sociopolítico de Guiné-Bissau.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

CABRAL, A. **Alguns princípios do partido**. Lisboa: Seara Nova, 1974.

CARREIRA, A. **Cabo Verde: aspectos sociais: secas e fomes no século 20**. 2. ed. Lisboa/Cabo Verde: Ulmeiro, 1984.

CORTESÃO, L. Por que Paulo Freire e Amílcar Cabral? **EccoS**, n. 25, p. 95-108, 2011b. Doi: 10.5585/EccoS.n25.3218. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/3218> . Acesso em: 15 maio 2021.

FREIRE, P. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P. **Cartas à Guiné-Bissau**: registro de uma experiência em Processo. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, P. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. Tradução de Kátia de Mello e Silva. Revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 66. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, P. Sobre Africanidade: Amílcar Cabral, pedagogo da revolução. *In*: FREIRE, P; ARAÚJO, A. M. (org.). **Pedagogia da tolerância**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016. p. 115-155.

FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **A África ensinando a gente**: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

LODI, L. C. Alda Neves das Graças do Espírito Santo. *In*: PITANO, S. de C.; STRECK, Danilo R.; MORETTI, C. Z. (org.). **Paulo Freire**: uma arqueologia bibliográfica. Curitiba: Appris, 2019.

MEMORIAL VIRTUAL PAULO FREIRE. **Diálogos com Paulo Freire sobre Amílcar Cabral**. Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org/handle/7891/3356>. Acesso em: 15 de jul. 2021.

RIBEIRO, A. M. Encontros entre Paulo Freire e Amílcar Cabral: a crítica pós-colonial e decolonial em ato. **Revista Brasileira de Sociologia**. [s. l.], v. 6, n. 14, p. 201-221, set-dez. 2018. Doi: 10.20336/rbs.427. Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/rbsociologia/index.php/rbs/article/view/427>. Acesso em: 15 maio 2021.

ROMÃO, J. E. Amílcar Cabral. *In*: PITANO, S. de C.; STRECK, Danilo R.; MORETTI, C. Z. (org.). **Paulo Freire**: uma arqueologia bibliográfica. Curitiba: Appris, 2019.

ROMÃO, J. E.; GADOTTI, M. **Paulo Freire e Amílcar Cabral**: a descolonização das mentes. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2012. (Unifreire, 3). Disponível em: http://www.acervo.paulofreire.org/jspui/bitstream/7891/3591/2/FPF_PTPF_12_094.pdf. Acesso em: 16 ago. 2021.

Submetido em 15 de julho de 2021.

Aprovado em 11 de agosto de 2021.